



Dante Gabriel Rossetti, *Pandora*, 1879

PANDORA

INFORMATIVO APERIÓDICO DO C.A.F. (COLETIVO ANARCO-FEMINISTA)
 Nº01 ANO 1 Março/1993-Caixa Postal 117 - cep 07111 - 970
 Guarulhos - SP

*Personagem da mitologia grega. A qual, era proibida de abrir a caixa. Desobedecendo a autoridade, esta abre a caixa, descobrindo no seu conteúdo, os males do mundo.

EDITORIAL:

FEMINISMO E SEPARATISMO

Muitas pessoas acham que o feminismo é um movimento dominador, que feminismo é o machismo das mulheres. Embora nem todas as feministas são iguais, e existe "feministas" autoritárias, feminismo em si é um movimento que existe para dar poder às mulheres, pois elas são oprimidas como um grupo específico dentro da sociedade. O movimento feminista é um movimento de pessoas como o movimento negro ou o movimento dos trabalhadores que precisam tomar poder dentro da sociedade e acabar com a sua opressão. Estamos lutando pela liberdade de todos e não só para as mulheres, mas é necessário que cada grupo tenha seu movimento (ao mesmo tempo que os grupos tenha comunicação com os outros) pois tem-se diferentes formas de opressão com as quais cada grupo tem que lidar. Da mesma maneira que os punks tem o movimento punk para levantar questões que eles acham importantes e os trabalhadores formam sindicatos para lutar contra os empresários, as feministas têm grupos para lidar com o machismo.

Amos homens e mulheres podem ser feministas, e é importante que os homens participem na luta pela libertação da mulher, mas ao mesmo tempo é preciso que mulheres formem grupos só de mulheres. Isso não é separatismo. Separatismo é um movimento de mulheres que não querem ter nada a ver com homens, nem falar, nem sentar perto, tantas experiências ruins que elas já tiveram com homens (talvez elas vejam homens como alguns operários vêem burgueses). Ter um espaço para mulheres falar entre elas sem presença masculina não significa que a gente que se distanciar dos homens. A gente ainda vive e milita com os homens e achamos importante que a luta inclua todas as pessoas na planeta, independente de

sexo ou qualquer outra divisão usada para enfraquecer -la.

Mesmo assim, os espaços para falarmos uma com a outra são importantes para que nos conheçamos melhor e podemos lutar contra o machismo com uma força maior. Os homens não sentem as mesmas opressões que as mulheres sentem, como não ter controle sobre os nossos próprios corpos (de decidir quando a gente quer ter filhos, pois o estado proíbe aborto e também força a esterilização nas mulheres pobres) ou ser sempre tratada como frágil, incapaz ou objeto de sexo. Como os homens não sentem essas coisas, é difícil para eles entender como é que as mulheres se sentem e então atrapalharia ter que sempre explicar tudo para eles enquanto as mulheres estivessem tentando conversar.

Além disso é impotente ter um grupo só com mulheres para elas poderem ter prática em falar. Muitas mulheres dentro do movimento acostumam não falar muito. Isso não é necessariamente culpa dos homens, mas para uma pessoa se sentir livre de falar, ela tem que ter prática. Num grupo só de mulheres, elas vão ter que falar, pois não tem homens para encher o silêncio. Com prática elas vão aprender e sentir-se mais seguras em falar em grupos maiores.

Também tem questões pessoais que são especialmente difíceis de levantar num grupo que inclui homens. Infelizmente a sociedade como existe põe muita vergonha dentro das pessoas, e elas se sentem culpadas pela própria opressão encima delas. Questões de estupro, abuso sexual, ou até menstruação são coisas difíceis para as mulheres se soltarem em frente de muitos homens, mas são coisas muito importantes de discutir.

As questões pessoais do cotidiano ou da vida sexual são tão importantes quanto as questões do trabalho ou do estado. A gente sofre opressão em todas as partes da vida, e acabar com o estado não vai mu

dar o fato de que Joãoacha normal bater / na Teresa ou que ela tem que cuidar das crianças, lavar louça e cozinhar além de trabalhar numa fábrica. Desvalorizar as / questões do cotidiano é uma forma de machismo, pois o cotidiano é uma arena em que as mulheres sofrem opressão mais do que os homens.

Para lidar com essas questões é importante discuti-las e trocar idéias sobre como viver e pensar melhor. Mas se as pessoas não se sentem livres de discutir essas coisas, nunca vão mudar nada dentro delas mesmas e pode ser que o espaço para mulheres daria essa liberdade de falar. O valor de um grupo para mulheres é para elas ajudar uma à outra, para ficar mais fortes e depois livrar a sua experiência / pro movimento todo. Estamos tentando criar um movimento melhor para todo mundo e é importante que as pessoas respeitem a nossa opção. (ULLA NILSEN)

PELO DIREITO A MATERNIDADE

Os corpos das mulheres são usados como máquinas, mulheres pobres são esterelizadas, enquanto outras são obrigadas a terem filhos indesejados.

O desejo não está sendo respeitado. Algumas querem ter vários filhos, mas são obrigadas a tomar anticoncepcionais e serem esterelizadas, porque a sociedade, o Estado, não cria condições para que estas crianças se desenvolvam com dignidade, respeito, alimentação adequada, moradia, etc. A mulher se vê diante de um beco sem saída e acaba por travar seus desejos e sentimentos. Por outro lado, muitas engravidam por descuido ou acidente e são obrigadas a terem esses filhos indesejados, pois a nossa falsa moral, a religião e o Estado não aceitam o aborto. Preferem uma maternidade irresponsável, crianças fanintas e sem condições de sobrevivência por terem nascido de um erro.

O filho deve ser desejado, para que seja amado e ninguém sabe melhor isso do que a mulher que o concebe.

Para resumir: As mulheres não tem direito sobre seu próprio corpo, não podem nem mesmo decidir sobre a sua maternidade e nem o tanto de filhos que se deseja.

É muito fácil falar em controle de natalidade, fazer campanha para que haja esse controle sem pensar se realmente seria necessário em um mundo que tem espaço para caber todo mundo e alimento de sobra. Esse mesmo mundo que quer ter o poder de decidir sobre a quantidade de filhos de cada mulher deve ter, é um absurdo ver até onde as garras do sistema chega, e, pior ainda, ver as pessoas aceitando isso passivamente, como se fosse realmente necessário e natural, ao invés de se questionar essa posição e lutar para que todos tenham condições de terem os filhos que desejarem.

Infelizmente, as pessoas acabam por usar argumentos que justificam as atitudes dominadoras do Estado, aceitam e se submetem a elas.



Há, também, a religião que condena o aborto, visto como afronta ao seu Deus dominador e incentiva as mulheres a terem muitos filhos e depois...elas que se virem para criar: "Deus há de providor."

Como condenar uma mulher por aborto? Será que nem mesmo sobre seu próprio corpo ela terá direito? Quem melhor do que ela para saber se está pronta ou não para ter um filho?

O fator psicológico é importante, mas hoje em dia o que está contando mais é a mulher não ter condições financeiras para sustentar o bebê, já que na maioria das vezes o progenitor manda ela se virar sozinha. Numa sociedade diferente onde tudo fosse socializado e o filho de um fosse filho de todos, a necessidade de um aborto seria bem menor, pois o problema financeiro não existiria, aí seria apenas uma questão de opção de se estar preparada ou não para a maternidade e se a mulher achasse que não era hora, não teria problema em não tê-lo.

Apesar de precisar dos dois sexos para se fazer um filho, muitas vezes, os homens não sentem responsabilidade nenhuma quanto à criança que não está dentro da barriga das mulheres. O machismo tem também, essa face, "homem é homem, mulher que se cuida." Indo um pouco mais além, vemos também, que a responsabilidade dos filhos é transferida para a mulher quando se trata de educá-los, vesti-los, alimentá-los, etc; e as decisões julgadas mais importantes, como deixar o filho sair ou a filha namorar (como se fosse direito uma decidir pela vida da outra) é transferida para o pai, o sempre intocável e onipotente ser da casa. Ou seja, não é respeitada a mulher como ser humano e nem a criança como ser pensante e capaz de decidir o que é melhor para si. Instala-se aí um círculo vicioso de opressão: o marido oprime a mulher, que oprime as crianças, que irão oprimir quando tiverem oportunidade, as crianças mais novas e nenhum desses seres se dão conta do mau que é feito um para o outro.

Desde muito tempo o corpo da mulher é apenas um objeto de várias utilidades como servir para a procriação de filhos, satisfação sexual, é principalmente, escrava do lar. Nunca se leva em conta sua real vontade. Sempre foram obrigadas a darem filhos sem serem consultadas se queriam isso e acusadas por seus maridos, se por acaso, nenhum deles fosse homem, para levar o nome da família (como se isso fosse lá muito importante), apenas não sabiam também naquela época, que quem determina o sexo da criança é o homem.

Na época da inquisição, a mulher era considerada perigosa e propensa a bruxaria somente por ter nascido mulher.

Sempre tratada como um animal perigoso e que deverá sempre ser domesticado para nunca dar problemas, um animal de pouca inteligência, mas com todas as culpas e responsabilidades possíveis.

De um lado a sociedade condena o aborto e apóia o controle da natalidade como coisas fundamentais. Por outro, vemos que não há condições nenhuma para as pessoas viverem dignamente e não há respeito pelo ser humano, fazendo de seus corpos máquinas e controlando-os. Somos contra isso; contra essa exploração da sociedade sobre a mulher e lutamos para que haja o respeito, pelo direito sobre nossos corpos, pela maternidade livre, por seres livres, pela interação homem/mulher como

encaixe de união, amor, companheirismo, respeito pelas diferenças e luta de ambos por uma sociedade justa e não essa sociedade

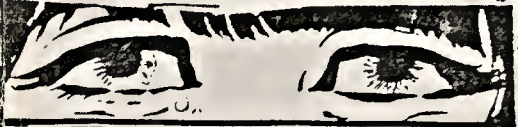
onde impera o poder do macho e a escravidão do sexo feminino.

(VALERIA BOLEVARI)



RETROSPECTIVA DA POSTURA

FEMININA NA SOCIEDADE



Quanto séculos ela está degenerada? Quanto tempo ela não ficou enclausurada numa torre, contemplada como um "objeto de desejo" inacessível, deificada, assexuada? Quanto tempo ela não foi vista como "decoração de interiores"? Ou esperando incansavelmente, que um cavalheiro viesse buscá-la nos braços? Ela não sabia; tentou se lembrar de tantas coisas que aconteceram, que a frustraram, que a enfraqueceram física/moralmente — não só por culpa do desejo de dominação do macho, mas culpa da sua acomodação, e também, da mesma atitude que o macho usa, a dominação, ela também, usou.

Aceitou tudo sem o mínimo questionamento. Coisas, fruto de interesses econômicos, como a família monogâmica, a negação da sua sexualidade, o moralismo, as religiões nos moldes atuais, o Poder.

Esforçou sua memória, checou os arquivos mais empoeirados do seu ser, reveu o alvarer dos, tão mal resolvidos, seres humanos; se viu tão diferente!

Olhou-se no seu estado primitivo, quando não havia líderes e Estado. Se viu como membro ativo de um clã, tão forte quanto o homem; tinha seus filhos, mas não era atada permanentemente a eles, que não precisava estar presa a ninguém durante toda a vida; viu sua agressividade ao caçar, coletar... E chorou ao se ver abandonada à sua "caverna", enquanto o homem enfrentava o mundo... Quando o homem dividiu o trabalho, instituiu o matrimônio — pois a recém inventada propriedade privada precisaria ser legada a filhos legítimos do homem (pois os filhos só eram reconhecidos como pertencentes a

ele, e a monogamia se institucionalizou como mantenedora dos privilégios da propriedade privada)... O começo da subordinação da condição de "objeto utilitário do homem" e parideira de filhos!

Como foi doloroso envergar os grilhões em que estava presa a tanto tempo!

No Antigo Egito, no Império Persa, Grego, Romano, mesmo na Civilização Oriental, toda a Ciência, Letras, Artes; tudo negado! (Com exceções raríssimas, que foram "devidamente" apagadas da memória dos detentores do Poder). Era sempre a mesma, a escrava ou a esposa. Pior ainda, ter que satisfazer vontades e costumes impostos por seus senhores, como uma constante em países mulumanos (e em algumas tribos da África), como extirpar o clítoris (que, praticamente, cessa quase todo prazer sexual da mulher)!

No "Mundo Hebraico" as coisas não andavam bem: suportar um Deus tão despótico como Jeová, o grande patriarca, que adorava encher de medo seus "filhos" (ou vítimas?), que exigia obediência cega, e a pessoa em que ele mais adora imortalizar é ela, a filha da resignada Eva. Além de ter que se submeter ao esposo ou ao, este poderia ser polígamo, ela não — e pelo "crime de adultério", era apedrejada até a morte — não poderia nem se enfeitar — olhe Jeová lhe apontando o dedo, e a ameaçando com um castigo implacável".

Com o advento da Era Cristã, as coisas não poderiam ser piores, também, os preceitos cristãos provêm do judaísmo.

A vida continuou sendo a mesma: exploração. Tanto pelo macho esposo, como os amos dos feudos (que detinha o "direito" tanto de explorar economicamente, como de se servir sexualmente); mas com o tempo a coisa tornava-se pior, o fanatismo religioso mais efervescente, a "Santa Inquisição" surgiu. E que época de neurose foi! Qualquer indivíduo que tentasse partir com os grilhões da Igreja era perseguido, torturado, morto; qualquer desavença ideológica, ou comportamental era motivo. Claro teria que haver uma fatia desse bolo para

ela, e quão amargo foi! Ela era vista como "uma bruxa lasciva, companheira do Demônio" - coisas dessas todas sem nexo. Mas quantas vezes, ela não serviu de bode expiatório?

A coisa se acalmou, mas ela continuou como vítima, dela própria e dos homens.

Continuou sendo aquela carponesa, ou a esposa do comerciante burguês ou a esposa do nobre...

...Com o descobrimento da América (ou o genocídio?) houve uma grande reviravolta no mundo... ele era redondo... Gutenberg havia inventado a imprensa; porém ela sempre na mesma, servil, omissa, sem nada fazer. Enquanto isso, na América; bom, os Impérios Inca, Maia e Asteca, apesar de não tão corrompidos como a Civilização Ocidental, quem detém o Poder e o Saber, ainda é o homem.

Com a Reforma Protestante, nada ocorreu. O mesmo moralismo, patriarcalismo, a mesma opressão para com o indivíduo, e a mesma obsessão pelo "Reino dos Céus", que a Igreja Católica.

Na América, além do genocídio dos indígenas e a sua escravidão, a selvageria dos brancos não parava por aí: estupro de índias era "comum". O mesmo ocorreu com a vinda dos negros além da escravidão, maus tratos, quantas mulheres negras não foram violentadas?

E o tempo passou, e com isso, o vento das "mudanças" soprando às críticas a Monarquia Absolutista; Rousseau e outros iluministas começaram a influenciar. "Liberté, Igualité, Fraternité" - eis os ecos da Revolução Francesa, quantas mudanças! Mas só a avisaram quando precisavam de combatentes, depois só foi mandá-las para as cozinhas e servir banquetes para os Robespierres e demais que frustraram a "Revolução".

Outra grande reviravolta no mundo, a mecanização, as indústrias à toda força, e assim a "Revolução" Industrial chegou e ficou. Precisava-se de braços, braços e mais braços - e a baixo custo eis a fórmula mágica: a mulher da classe miserável. Junto com as crianças, sairia por um custo

pela metade do homem, e com uma produtividade quase igual. E eis a mina de ouro para os capitalistas e um novo calvário para ela: A DUPLA JORNADA DE TRABALHO (além de casa e crianças, uma extenuante jornada de 10, 12, 14, até, 16 horas diárias!) e ela não tinha outra alternativa: ou ela entrava de vez no mercado, ou a família morreria de fome!

Fora a classe miserável, ela também, não tinha muitas alternativas: casar à gosto dos pais, ou ser professora, enfermeira, ou talvez, freira, mas mesmo assim, uma mulher com a mínima instrução que seja, era vista com maus olhos.

E os ditames da moda? Como pode agredir-se assim? Os espartilhos eram uma violência contra a sua saúde. Anos e anos usando-o para ter uma "cinturinha de vespa" e eis o resultado: deformações nas costelas.

Lógico que o quadro não iria ser imutável por tanto tempo, houve mulheres que começaram a se destacar e gritar um grande NÃO à submissão, de diversas maneiras; por comportamento, ou, visão crítica à sociedade; inusitados à época, como tantas mulheres que enfrentaram militares em defesa da Comuna de Paris (1871); Louise Michel (uma grande libertária); George Sand (que scandalizou os bons homens de Letras), Mary Shelley, e mais tarde, Isadora Duncan, e lógico, Emma Goldman (que impulsionou fortemente o feminismo, com princípios libertários, visando a aniquilação do patriarcado e não só a emancipação da mulher, como a do homem), Voltairine De Claire, Maria Lacerda de Moura (outras libertárias), Simone de Beauvoir.

Mas, também, a coisa não ficaria tão bela assim; apesar dessas e tantas outras se rebelaram diretamente contra a ordem vigente, houve (e ainda há, muitíssimas), que pensavam que obter "emancipação" é obter os privilégios do homem (e não acabá-los) e participar da sociedade burguesa (através de voto, ter leis, participar de chefias, partidos, etc.). Já foi, e é,

provado, que qualquer um que participar do Poder, independente de sexo, são repressores, falsos, e só visam interesses próprios; que - rem exemplos? Vitórias e Elizabeths da Inglaterra; Czarina Catarina da Rússia, Messalina de Roma, Cleópatra, Golde Meir (líder sionista, Israel), e, recentemente, Margareth Thatcher, ex 1ª Ministra inglesa. Foram mulheres que ou tiveram influência no Poder, ou mesmo participando diretamente, foram tão despóticas como qualquer homem).

Voltando, ela (a grande massa) ainda continuava a mesma injustiçada/injusta de sempre. Sozinha em casa, enquanto o marido vai tratar de negócios; ou trabalhando fora até o fim de suas forças; ficando "louca" com o número de crianças e a casa para arrumar; ou sendo carne para prostíbulos (a "profissão" mais antiga do mundo, ou a humilhação mais antiga do mundo?) Nisto há séculos, ela foi vitimada pelo maldito tabu da virgindade (o qual sem ele e não sendo casada, geralmente, era morta, ou, discriminada, ou, forçada a se prostituir), por ser mãe solteira, ou pela miséria e por outras situações constituídas pela sociedade! Quanto ela não aguentou se insensibilizar por ter que vender seu corpo, se sujeitar a qualquer macho ávido a usar seu corpo para satisfazer seu ego macho e alguma necessidade física?

O tempo foi passando, e os costumes foram "mudando", principalmente, após a 2ª Guerra Mundial. Ela saiu de casa, pôde frequentar a faculdade, ter até uma "profissão"; começaram a prestar mais "atenção" em questões sobre ela. Mas toda essa "revolução" de costumes, foi uma mera maquiagem, as cicatrizes, continuam, e, profundas. Tudo foi um mero retoque para modernizar a coisa, para "suavizar" a sua opressão milenar.

Os 60 (década) foram até belos, pelos milhares de movimentos que ocorreram nele. Mas foi tudo muito amenizado, por se conformarem com algumas "conquistas". Ela achou que podendo participar do mercado de trabalho, ser candidata

de algum partido; pela Tv e demais meios de comunicação lhe darem algum "espaço", ou falarem que ela já alcançou a "emancipação" e dizerem que o feminismo é algo "demodê" ou "reação de frustração por não serem homens"; ela achou que tudo "estava bem", que "não haveria discriminação"... pobre, quão errada está!

Está tão cega! Não percebeste que só algumas poucas usufruem de "certos privilégios" e (por serem da classe alta). Que numa sociedade onde predomina a diferença econômica, onde muitos permanecem na mais absoluta miséria e ignorância e poucos vivem na opulência e têm acesso às mais variadas informações, nunca poderá haver respeito e igualdade para ninguém, muito menos para ela!

Não será com o esforço de ingressar nas várias formas de Poder e autoridade, que se conseguirá sua liberdade tão almejada, mas sim, combatendo-o, negando-os; buscando novas formas de luta; sem ligações com forma alguma de autoridade; vendo que a situação só mudará, não com reformas na sociedade, mas radicalmente, combatendo o mal pela raiz, a dominação do homem pelo homem, acabar com as diferenciações (racismo, sexismo, nacionalismo) que sustentam os privilégios das classes economicamente ricas.

É algo com uma única saída: a transformação social (ou a Revolução Social), capaz da destituição dos privilégios que asseguram a desigualdade, assim poderemos vislumbrar uma nova aurora, longe das trevas da opressão de nossa sociedade atual.

(MARIA)



MANHÊÊÊ...
...EU POSSO
VIVER

VOCÊ ESTA
LOUCA MENINA,
ISTO É COISA
PR'A HOMEM



SFHY
04/12